

A CONSTRUÇÃO DO ETHOS NACIONAL BRASILEIRO EM LIVROS DIDÁTICOS DE PBE

Lygia Maria Gonçalves Trouche (UFF)
lym@nitnet.com.br e lumt@terra.com.br

Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu auto-retrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências lingüísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa.

(Amossy, 2005)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta comunicação tem como objetivo discutir alguns aspectos da relação língua e identidade nacional em livros didáticos de PBE, desvendando as filiações de sentido entre vários textos (verbais e não-verbais) sugeridos para o trabalho pedagógico e que tecem as bases das interpretações sobre a língua do Brasil e sua vinculação ao modo de ser brasileiro. Isto é, na construção do ethos nacional brasileiro.

Se pensarmos em termos da Análise do Discurso, poderemos buscar, através da interdiscursividade – relação de um discurso com outros –, entender, no jogo sutil da linguagem, os sentidos que vão sendo construídos, a partir da instância de enunciação que, como lugar social, confere autoridade a esses textos para promoverem uma espécie de ajuste entre língua, cultura e nação.

O ASPECTO CULTURAL NA PRODUÇÃO DOS SENTIDOS DO ETHOS NACIONAL BRASILEIRO

Até que ponto, por exemplo, um texto publicitário reflete a cultura e a imagem de uma nação?

Para encontrarmos uma resposta adequada a essa questão, é preciso especificar os significados de cultura.

Pode-se conceituar *cultura* como um sistema de crença e valores e uma organização sociopolítica que configuram um modo de agir e interagir, de fazer, de dizer e de comportar-se de uma dada sociedade. A palavra cultura possui uma diversidade de significados, já que engloba tanto o saber cotidiano (experiência comum), bem como o saber intelectual (a experiência refletida).

O discurso da cultura nacional se caracteriza por construir identidades desde o passado (mesmo mítico) até o futuro, em processo contínuo. A narrativa de uma cultura nacional pode ser desenvolvida de várias maneiras: nas histórias e nas literaturas nacionais; na ênfase nas origens, na continuidade, na tradição e na intemporalidade; na invenção de uma tradição; no mito fundacional; na idéia de um povo original (Hall, 2000). A idéia de uma cultura nacional congrega inúmeros significados no sistema de representação de uma dada identificação.

A busca, portanto, da compreensão das formas de produção de sentido, em dada sociedade, baseada na concepção da natureza interdiscursiva da palavra e, por extensão, da linguagem, nos impele a entender a constituição da significação como um processo cultural que se dá entre os indivíduos, isto é, no compartilhar de uma ideologia.

A linguagem, instaurando o diálogo permanente entre os indivíduos em sociedade, mobiliza sentidos já dados e os transforma, conforme a prevalência de determinadas injunções sócio-históricas. Para procurarmos uma identidade nacional, devemos observar como tal sociedade atualiza as possibilidades universais da condição humana, sob as injunções históricas de sua experiência

(...) quando eu defini o “brasileiro” como sendo amante do futebol, da música popular, do carnaval, da comida misturada, dos amigos e parentes, das santos e orixás etc., usei uma fórmula que me foi fornecida pelo Brasil. O que faz um ser humano realizar-se concretamente como brasileiro é a sua disponibilidade de ser assim. (DaMatta, 1986, p. 18)

Observemos o seguinte texto publicitário em que alguns aspectos de nosso modo de ser estão presentes:



O Globo, 2005

A imagem é um desenho do cartunista Lan (Cena de Bar, 1980. Acervo particular, *Revista Nossa História*, fev.2004), representando um típico reduto da malandragem carioca, que foi reaproveitado pelo domínio da publicidade¹, criando-se como gênero textual esta publicidade da cerveja *Mulata*.

Nesse texto, podemos destacar a sensualidade das figuras femininas, apoiada, ainda, em outro fator cultural: a beleza da mulata cuja imagem estereotipada em nossa cultura “mexe” no componente emocional. Misturam-se também elementos fundamentais da cultura brasileira como o samba e a miscigenação étnica. Vemos ainda a valorização afetiva de figuras típicas da “malandragem” carioca, incluindo até o português atrás do balcão. Fica claro o apelo à emoção e o despertar do desejo vinculados ao prazer de se beber e degustar uma cerveja cujo nome, não sem motivação evidente, é *MULATA*. A persuasão se fez, principalmente, pelo apelo a mecanismos de base emocional. Observem-se, ainda, as cores quentes (fortes), as linhas sinuosas, o movimento e o volume dos corpos, os planos das imagens

¹ Para aprofundar este assunto, ler Rebello (2005).

– tudo relacionado, implicando forte apelo à sensualidade. ”Chegou *Mulata*. A mistura perfeita.” Mulher e cerveja perfeitas para o consumidor que deve ser convencido sobre a singularidade e a excelência do produto. Nesse texto, o publicitário se utiliza do adjetivo “perfeita” para caracterizar o sabor da cerveja, distinguindo-a de todas as outras marcas. Vale-se também de uma pergunta que remete, pela intertextualidade implícita, ao valor positivo que se dá à questão da mistura racial no Brasil – “Sabe aquela história de misturar cervejas?” E a resposta, de sentido conotativo, mas facilmente percebido em seu contexto de frase popular: “Deu samba”, isto é, obteve-se um ótimo resultado. Assim, no gênero publicitário há diversas estratégias enunciativas para o convencimento, como por exemplo, a singularização (determinada marca é apresentada como a melhor de todas) em que predomina o uso da adjetivação e a pressuposição (apropriação de imagens e valores considerados socialmente positivos) em que, no exemplo analisado, a miscigenação na sociedade brasileira é sentida como um valor positivo, implícito na opinião pública. A ideologia que sustenta esse valor positivo contribui para disfarçar o preconceito subjacente às relações étnicas no Brasil.

Esse texto permite o desenvolvimento de discussão de alguns aspectos culturais do Brasil (miscigenação, sensualidade, samba, hábito de se tomar cerveja, alegria, entre outros) em como sua expressão lingüística e visual, freqüentemente clichêizada.

Como se pode observar, nesse texto, há um modo de dizer que induz a uma imagem que facilita e até mesmo condiciona uma determinada visão do Brasil. Segundo Mainueneau (2005, p. 69),

Além da persuasão por argumentos, a noção de ethos permite, de fato, refletir sobre o processo mais geral da adesão de sujeitos a certa posição discursiva. O processo é particularmente evidente quando se trata de discursos como o da publicidade, da filosofia, da política etc.

Por tudo isso, percebemos a importância da escolha dos textos e das imagens que entram na organização dos materiais didáticos de PBE (português brasileiro para estrangeiros). Sobretudo porque entendemos que o ensino da língua não se realiza separadamente da cultura que ela representa, portanto, do modo e do jeito de fazer coisas, de ocupar os espaços físicos e sociais, das formas de socialização. Este ensino, ao mesmo tempo, deve considerar a visão de nossos alunos estrangeiros, provenientes de outras culturas, sobre a realidade.

de brasileira que começam a vivenciar, Como num jogo de espelhos, as diversas culturas representadas na sala de aula entram em contato em busca de reconhecimento de identidades nacionais específicas e de uma compreensão mais profunda em nível humano, realizando uma troca de experiências de vida e modos de ser diferentes, conduzida pelo fio da língua – o código que perpassa toda a linguagem.

Um professor de Língua Portuguesa (materna ou para estrangeiros) deverá ser alguém capaz de ler e de interpretar a realidade brasileira em suas várias instâncias de significação, pois a língua, efetivamente, como linguagem, medeia e configura a relação homem e mundo.

Esta abordagem de ensino, implicando a vinculação do estudo da língua portuguesa à cultura brasileira (aspectos sociológicos, antropológicos, históricos, artísticos etc.), privilegia o espaço da sala de aula como o lugar da construção de um conhecimento compartilhado. Os alunos sentem-se parte integrante deste processo, na medida em que refletem sobre si mesmos e sobre o “diferente” na prática de uma “nova língua” representativa de outra cultura.

CONHECIMENTO DE MUNDO E INTERPRETAÇÃO: REFLEXO DA CULTURA

Sabemos que o objetivo mais evidente no processo ensino/aprendizagem de línguas é desenvolver, nos alunos, as competências necessárias a uma interação autônoma em situações reais de comunicação, de leitura e de produção textual. Tais competências abrangem a aquisição de um número significativo de habilidades contextuais, sociocomunicativas e pragmáticas de uso linguístico. Daí decorre a importância da valorização do trabalho com diferentes gêneros textuais. Muitos fatores influenciam no processo comunicativo, já que os textos se caracterizam pela pluralidade e heterogeneidade em sua composição. Logo, parece mais coerente destacar o modo de organização predominante do discurso, segundo o gênero textual que atende às várias esferas da atividade humana. Focalizar, pois, o gênero textual implica, sob uma perspectiva enunciativa, não só valorizar aspectos semântico-pragmáticos (e a cultura aqui está

inserida), mas também as formas gramaticais e a seleção do vocabulário adequadas à situação de comunicação.

A aprendizagem de uma língua abrange, portanto, a aquisição da capacidade de compor frases corretas. Esse é um dos aspectos da questão. Mas ela também inclui a aquisição da compreensão de como essas frases, ou partes delas, são apropriadas num contexto específico. (Widowson, 1991, p. 15)

Logo, a discussão das questões do ensino de língua portuguesa quer como língua materna, quer como língua estrangeira, deverá privilegiar uma perspectiva que enfatize a relação entre a língua, a cultura e a situação comunicativa. O contexto cultural do aluno interfere diretamente no processo de interpretação e de produção de texto. Por isso, a especial atenção que se deve dar aos aspectos culturais brasileiros, para que o estudante possa desenvolver-se em língua portuguesa, aprendendo a descobrir outras maneiras de ver, de fazer, de interpretar o mundo.

O contexto cultural constitui um fundamento usual para a compreensão. Os esquemas de uma cultura específica auxiliam a compreensão de textos sobre essa cultura. Esses esquemas fornecem ao ouvinte e ao leitor conhecimento especial, através do qual ele pode extrair inferências que são necessárias para entender o texto. (Dell'Isola, 2001, p. 93).

Os textos publicitários, literários e, em algumas circunstâncias, os jornalísticos costumam fazer uso intertextualidade por meio do diálogo com outros textos como frases feitas, provérbios, enfim, textos que circulam idéias conhecidas do público a que se destinam. No entanto, para que a intertextualidade funcione como estratégia discursiva se faz necessário que o leitor a reconheça, para conseguir interpretar os sentidos do texto. Assim, as inferências têm um lugar fundamental na compreensão e interpretação das mensagens, o que vale dizer na passagem do sentido de língua para o de discurso. Esse processo interpretativo depende do *conhecimento de mundo* e do *conhecimento partilhado*, resultantes das experiências de cada um. Mais uma vez, enfatiza-se a necessidade de atentar para os aspectos culturais presentes em tais textos e que os alunos estrangeiros, quase sempre, precisam de ajuda para percebê-los em toda sua extensão.

Entendemos que, no ensino /aprendizagem da língua, o ato de fala e o ato interpretativo pressupõem a competência do locutor/ouvinte de acordo com as expectativas sociais do diálogo, levan-

do-se em conta que as formas lingüísticas são delimitadas pelas condições produção e de interpretação dos enunciados nos variados contextos de uso.

As estratégias para o ensino da língua portuguesa devem ser discutidas, portanto, com base na idéia de que uma cultura nacional congrega inúmeros significados no sistema de representação de uma dada identificação e que o homem se constitui na cultura.

Segundo Widdowson (1991)

Não é muito satisfatório tratar objetivos de cursos de língua em termos de habilidades de falar, compreender, escrever e ler palavras e estruturas de uma língua. Melhor seria pensarmos em termos da habilidade de usar o idioma para fins comunicativos.

Assim, torna-se necessário prever algumas situações de comunicação e as estruturas lingüísticas específicas para uso da língua em seus diferentes registros, funções e gêneros textuais, recorrentes na cultura brasileira. Isto é, como somos e como nos fazemos apresentar – como construímos a nossa imagem.

Para que o aluno conquiste a competência comunicativa, deverá desenvolver a competência gramatical, a sociolingüística, a discursiva e a estratégica. A competência gramatical relaciona-se ao código lingüístico, às regras da linguagem como a formação de palavras e de frases, à pronúncia, à ortografia, à semântica. Esta competência se centra diretamente na habilidade e no conhecimento necessários para a expressão adequada do sentido literal. A competência sociolingüística diz respeito à adequação das expressões lingüísticas aos diferentes contextos, isto é, à situação dos participantes, propósitos da interação, normas e convenções da interação, adequação entre significado e forma, significado e função comunicativa. A competência discursiva refere-se ao modo como se combinam formas gramaticais e significado para a criação de textos de gêneros diferentes, de acordo com a situação específica de comunicação. A competência em uma segunda língua, com fins de interação social, implica a subordinação de regras gramaticais à função comunicativa em situações discursivas, implica, em uma palavra, o desempenho adequado do papel de falante na *mise en scène* (comunicação como “representação”, conforme a situação de comunicação, a posição sociocomu-

nicativa dos interlocutores, o assunto etc. (proposta por Charaudeau, 1992).

O ETHOS BRASILEIRO EM MATERIAIS PEDAGÓGICOS DE PBE²

Os livros didáticos de PBE (como todos os materiais semelhantes) realizam cortes significativos em vários aspectos da expressão de nossa cultura – tanto do ponto de vista do comportamento social, como dos registros de língua usados pelos falantes nativos, em determinadas situações de comunicação. Eis um ponto importante na medida em que todos concordamos com a imensa diversidade da cultura brasileira e, conseqüentemente, do português do Brasil.

Apresentaremos, nessa comunicação, algumas considerações sobre dois volumes da série didática que vem circulando com certa freqüência nos cursos de PBE, desde a década de 90, momento em que o ensino de língua portuguesa para estrangeiros ganhou um forte impulso (mais especificamente a edição de 1991).

Avenida Brasil

Curso básico de Português para estrangeiros

O material se compõe de dois volumes 1 e 2 para os alunos, além de livros para o professor e livros de exercícios para os alunos.

Para exame do ethos nacional brasileiro presente nesse material, observaremos os volumes 1 e 2 destinados aos alunos.

Já na capa do livro 1 identificamos, na imagem subdivida em oito quadros, a diversidade brasileira com cenas, por exemplo, da cidade grande, de cidades históricas, do sambódromo, do pantanal etc. (A mesma imagem se repete no livro 2).

² Em função dos limites de uma comunicação em mesa-redonda, apresentaremos considerações apenas sobre uma coleção didática.

O livro 1 está dividido em 12 lições que discutem 12 temas relativos ao modo de ser brasileiro. (Os outros itens dizem respeito às funções comunicativas e a questões gramaticais).

Os 12 itens discutem temas relevantes sobre o Brasil, tais como: conhecer pessoas; encontros; comer e beber; moradia; dia-a-dia do brasileiro; corpo e arte brasileira; trabalho; roupa; vida em família; turismo e ecologia de Norte a Sul.

Em todas as lições há a preocupação em colocar o estudante estrangeiro em contato com textos que descrevem, com bastante fidelidade, aspectos de nossa cultura. Há grande número de imagens sobre cidades brasileiras, mapas do Brasil e de estados brasileiros com informações pertinentes, reprodução de quadros de artistas brasileiros (por exemplo, de Portinari), crônicas cujos temas se referem aos hábitos do povo, fotos de diferentes grupos sociais, festas sociais e folclóricas, textos com referências aos imigrantes que ajudaram à nossa formação (por exemplo, alemães e japoneses), aspectos ligados à ecologia, fotos com imagens representativas de diferentes regiões geográficas.

Há também o objetivo de apresentar certo modo de viver (ainda que em processo de mudança), acompanhado de uma determinada ideologia prevalente na classe média.

Vejamos um exemplo:

Leda Pereira Duarte, 33 anos, arquiteta:

Quando nasci, meus pais tinham acabado de chegar ao Rio. Morávamos em Santa Teresa. Sou filha única, mas nossa casa vivia cheia: meus avós maternos sempre moraram conosco, e também um tio do meu pai e a mulher dele. Além disso sempre havia primos passando as férias comigo ou tias do interior nos visitando. Meu pai sempre dizia que éramos o hotel da família no Rio.

Minha família sempre foi muito tradicional. Quando acabei a faculdade e quis sair de casa, foi um escândalo: "Filha minha só sai de casa casada", disse meu pai, e foi assim que aconteceu.

p. 98

O texto deixa perceber a intenção de informar um tipo de vida familiar – vários membros da família morando junto, idades diferentes, hábitos e filosofia de educação em relação à filha solteira. Embo-

ra esses hábitos hoje estejam modificados ou em processo de modificação nas grandes cidades, ainda retratam a ideologia de parte da sociedade.

O livro também apresenta aspectos de influências diversas na cultura brasileira, em especial a africana e a indígena. Quanto a esse aspecto, discute também problemas de discriminação racial.

O livro 2, apresenta a situação da língua portuguesa no mundo e aponta algumas diferenças regionais do português do Brasil.

Podemos dizer que o livro 2 retoma alguns aspectos já discutidos no livro 1 e acrescenta informações sobre o tempo e a natureza e sua influência na vida das pessoas. Trata, ainda, sobre educação (como descrição do sistema, sem nenhum comentário crítico), vida econômica, mitos, lendas e credices populares, vida política, trânsito, mídia arte (compositores da MPB) e esportes.

Observamos que há uma tentativa de equilibrar aspectos regionais e globalizados. Como já ressaltamos, a diversidade sócio-econômica e cultural nas cinco regiões geográficas constrói um mosaico de modernidade e arcaísmo, revelando um Brasil de múltiplas faces.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do ethos brasileiro, nesse material didático, revela um Brasil plural, em muitas situações, incluído na modernidade e, em muitas outras, ainda preservado em suas tradições rurais; o litoral e o interior estão bem representados, formalizando uma imagem nítida das antíteses que nos constituem como nação, embora não haja uma preocupação de avaliação crítica. Trata-se, realmente, de uma foto de paisagem, sem zoom.

Com certeza, essa abordagem de ensino de língua estrangeira (no caso, PBE) que focaliza a vinculação entre língua e aspectos culturais acaba por criar uma imagem do país e do povo num processo assim demonstrado por Jean-Michel Adam (2005, p. 107):

É necessário mostrar que boa parte da atividade simbólica dos sujeitos tem por função reconstruir de modo constante a realidade do eu, ofe-

recê-la aos outros para a ratificação, para aceitar ou rejeitar as ofertas que os outros fazem da imagem que têm deles mesmos.

Nessa troca cultural, a imagem do Brasil oferecida aos estrangeiros, permite-lhes um diálogo construtivo com o diferente, provocando ao mesmo tempo um olhar sobre si mesmos. E esse olhar vai-se aprofundando à medida que a língua portuguesa deixa de ser sentida como estranha e o aluno consegue opinar sobre assunto compatível com seu conhecimento de mundo, no registro de língua portuguesa adequado à situação contextualizada.

BIBLIOGRAFIA

AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.

DA MATTA, Roberto. *O que faz o "brasil", Brasil?*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. *Leitura: inferências e contexto sociocultural*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

DIONÍSIO, MACHADO, BEZZERA (orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

KOCH, Ingedore G. V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2002.

———. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2003.

LIMA, Emma Eberlein [et al.]. *Avenida Brasil*. Curso básico de Português para estrangeiros. São Paulo: E.P.U., 1991, v.1 e 2.

MAINGUENEAU, Dominique. **In:** AMOSSY, Ruth (org.) *Imagens de si no discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

REBELLO, Ilana da Silva. *O produto (marca) como garoto-propaganda: as modalidades do ato delocutivo e a intertextualidade*.

Niterói, Pós-graduação, Instituto de Letras UFF, 2005, Dissertação de Mestrado.

WIDDONSON, H. G. *O ensino de línguas para a comunicação*. Campinas: Pontes, 1991.